

**Inclusão: eis a questão!**  
**Uma abordagem sobre currículo e diversidade**

Inclusion: that is the question!  
An approach to curriculum and diversity

Jucimara de Medeiros Jung\*

**RESUMO:** Uma mudança nas estruturas curriculares seria a base para que uma transformação, gradativa e urgente, ocorresse, causando uma importante revolução na forma de entender a ação da escola diante da diferença peculiar de cada ser humano. Mecanismos de gestão participativa, como o Projeto Político Pedagógico, poderão ser a resposta para a formulação de currículos diferenciados, que contemplem as possibilidades e potencialidades de cada indivíduo, no contexto escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversidade. Currículo. Gestão

**ABSTRACT:** This article presents a brief discussion about the task of the school faced with the diversity of students. A change in curricular structures would be the basis for a gradual and essential transformation. Such a change would be an important revolution in the way of understanding the action of the school in light of the special difference of each human being. Mechanisms for participative management, such as the Political-Pedagogical Project, can be the answer to the formulation of distinct curriculums that consider the potential of each individual in the school context.

**KEYWORDS:** Diversity. Curriculum. Management

## **1 O leito de Procusto**

Conta a mitologia grega, que Procusto era um salteador de estradas. Na altura do caminho em que ele se instalava, julgava quem poderia fazer a travessia. Para realizar o julgamento, Procusto dispunha de um leito, no qual ordenava que ali se deitasse todo aquele que desejasse cruzar a estrada. Se porventura, o indivíduo não coubesse na medida exata da cama, sem titubear, ele esticava o pretendente ou cortava-lhe as pernas para que tivesse, então, o tamanho ideal.

---

\* Professora de Ensino Fundamental, Especialista em Gestão Escolar, Mestranda em Educação e Cultura pela UDESC. E-mail: jucimara.jung@bol.com.br

Triste era a sorte daquele que não coubesse no leito de Procusto. A mutilação ou o suplício, era o seu castigo. Não haveria perdão, nem desculpas. A lei posta que estava, não dava chances a ninguém. O mito de Procusto é uma alegoria bastante interessante, acerca da diversidade do ser humano. Daí nossa intenção em resgatá-la, com a finalidade de ilustrar o presente artigo.

Vivenciar a diferença não é uma experiência aceitável para nossa cultura<sup>1</sup>. Assim como Procusto possuía seu leito implacável, desta forma possuímos também, um senso de julgamento que, não raras vezes, mutila, senão fisicamente, mas psicologicamente, aquele que se atreve a fugir dos padrões estabelecidos.

Na escola, este julgamento torna-se ainda mais presente, dado o convívio inexorável que se tem, com o diverso, com a multiplicidade.

Existe, instalada em cada sala de aula, uma cama de Procusto onde delicadamente, deitamos nosso aluno, dando-lhe o temível ou afável julgamento: “Este serve! Este não serve!”.

Não é o professor, no entanto, o responsável pela desordem estabelecida na educação, embora a sua formação, também, contribua para este quadro. O mecanismo de exclusão encontra na escola<sup>2</sup> portadores inimagináveis, que vão desde as barreiras arquitetônicas até o currículo, onde são trabalhadas as áreas do conhecimento.

Quando nos propormos a trabalhar o tema diversidade, mais especificamente, numa abordagem curricular, temos bastante clareza da necessidade de um repensar teórico-metodológico, acerca da filosofia que norteia nossas escolas, nesta sociedade pós-moderna. E, quando falamos de “escola”, falamos do ambiente escolar concreto, da interatividade e da força de relações que ali se estabelecem.

---

<sup>1</sup> Carreiro (2001, p. 87) concorda que “ A noção de exclusão social é criticada por R. Castel que considera que a mesma enfatiza apenas os aspectos negativos voltados para a não integração de um grupo ou do indivíduo em uma categoria dada, seja ela econômica, institucional ou outra. [...] Castel propõe a noção de desafiliação social que visa analisar as situações, colocando em evidência seu caráter dinâmico e dialético. Há sempre algum tipo de inserção ou de afiliação do sujeito individual ou coletivo, no interior de certas categorias e sistemas sociais.”

<sup>2</sup> Neste sentido, concordamos com Arroyo, quando afirma que “ a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar. Ele está estruturado para excluir. A cultura do fracasso, tão presente em nosso sistema escolar, não está apenas no elitismo de alguns diretores, especialistas ou professores, nem sequer na rigidez das avaliações. Assim como uma contra-cultura do sucesso não será construída com a boa vontade de superar o elitismo e a rigidez. Estamos sugerindo que essa cultura se materializou ao longo de décadas na própria organização da escola e do processo de ensino. No próprio sistema. Aí radica sua força e sua persistência, desafiando a competência dos mestres e das administrações mais progressistas” (ARROYO, 1992, p.47 ).

A escola, como hoje se apresenta, possui uma aparente autonomia, que lhe concede poderes para adaptar-se ao seu contexto. É o que chamamos de Projeto Político Pedagógico, cujo documento, forjado, teoricamente, no âmago da comunidade escolar, pretende delinear os caminhos pelos quais a escola deverá desfilir, contemplando neste trajeto todos os indivíduos que fazem parte do processo.

As tentativas de implantar-se um plano de gestão escolar, através de um Projeto Político Pedagógico, ainda encontram muitos obstáculos, dadas as dificuldades impostas por uma cultura educacional secular, gestada nos moldes liberais, onde a flexibilidade do sistema de ensino e sua adaptabilidade à diversidade de cada indivíduo, não fazem parte dos pressupostos filosóficos.

Afora o Projeto Político Pedagógico, a escola não possui nenhum outro mecanismo que possibilite repensar o fazer pedagógico, dentro de seu contexto de atuação. E, se a escola não consegue planejar sua linha de atuação, numa postura que vá ao encontro das aspirações de sua clientela, o trabalho desempenhado torna-se, em nossa opinião, equivocado.

Os questionamentos que pretendemos levantar perpassarão uma série de fatores, que contribuem para que a escola e, mais especialmente o currículo por ela trabalhado, funcionem como um mecanismo de exclusão do sujeito. Não é nossa intenção, buscar nas questões educacionais a resposta às inquietudes que nos assaltam. Mas sim, vislumbrar nas salas de aula, nos pátios e quadras, as alternativas que possibilitem um estudo aprofundado da questão diversidade. Como nos relata Imbernón:

A diversidade que a educação pretende atender não pode ser estabelecida em termos abstratos, mas ao contrário, deve ser vinculada a uma análise da realidade social atual e deve abranger todo o âmbito macrosocial quanto microssocial. [...] ...é preciso considerar a diversidade como um projeto sócio-educativo e cultural enquadrado em um determinado contexto, e entre as características desse projeto necessariamente devem figurar, a participação e a autonomia. (IMBERNÓN, 2000, p.86-87)

Atender o indivíduo em todas as suas dimensões é uma essencialidade de um tempo novo que se configura na era da informação, como um tempo de possibilidades e de transformações permanentes. Um processo de aprendizagem, onde o sujeito é colocado à margem, devido a sua raça, situação social, dificuldades motoras, ambiente e meio onde foi

educado e, mais especialmente, seu nível intelectual, não pode ser considerado eficaz, nem tampouco, que corresponda as novas expectativas educacionais que surgem neste fim de século. Um currículo que não contemple esta gama de diversidades, não pode lograr êxito, em sua função de formação e construção do conhecimento.

## **2 Currículo e educação inclusiva**

O currículo é uma das bases da educação. É através dele, que estruturamos os níveis e cursos e elaboramos as metodologias necessárias ao processo. Moreira (1997, p. 7) faz a seguinte colocação acerca do currículo:

O currículo constitui hoje, alvo privilegiado da atenção de autoridades, políticos, professores e especialistas. Sua centralidade no panorama educacional brasileiro contemporâneo pode ser atestada pelas constantes reformulações dos currículos dos diversos graus de ensino, bem como pelo incremento da produção teórica do campo.

Esta preocupação justifica-se pelo fato do currículo ser o eixo de um plano, no qual estão incluídos: escola, enquanto instituição e comunidade escolar.

Por muito tempo, a idéia de “currículo oculto”, permaneceu como sendo a única possibilidade a ser compreendida. O fato de o currículo organizar as disciplinas e conteúdos emprestava-lhe uma visão unilateral, entendendo-se que, implicitamente, estavam sendo ali transmitidos valores e regras, determinantes da dominação.

O pensamento pós-moderno<sup>3</sup> tem influenciado, sobremaneira, a nova visão do currículo, assinalando uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais que estão reconstituindo o mapa social, cultural e geográfico do mundo, produzindo, ao mesmo tempo, novas formas de crítica social (MOREIRA, 1997).

Esta nova faceta do currículo aponta para planos e propostas, ações efetivadas no espaço da escola e, finalmente, para as relações estabelecidas no plano escolar. O currículo,

---

<sup>3</sup> O currículo não pode mais estar alheio as questões ligadas ao mundo globalizado já que a pós-modernidade é urbanização e massificação. É o homem e a máquina, numa relação de interdependência, construindo e desconstruindo o momento. É a capacidade de libertar-se no macro-cosmo e, no entanto, permanecer eterno prisioneiro do micro-cosmo. Esta amplitude confere ao currículo a responsabilidade de preparar o educando para uma realidade em permanente transformação e dinamicidade.

passa a ter um profundo significado dialético, que, conduzido adequadamente, pode resultar em um importante instrumento de inclusão.

Um currículo estanque, aplicado de maneira rígida, sem a necessária reflexão, resulta, obviamente num potente recurso de exclusão social, pois não permite espaço para discussões que levem a adaptações curriculares, necessárias para o atendimento à diversidade, presente na sala de aula.

Infelizmente, o currículo ainda tem sido entendido e aplicado de acordo com a perspectiva de que o ensino regular possui um padrão de exigências de aprendizagem, que todo aluno deve aprender, a fim de obter sucesso na escola. Esta visão encontra-se arraigada no fato de que há áreas de conhecimento ou conteúdos pré-determinados, que, se aprendidos com eficácia, resultam em uma formação plena para a vida.

Este modelo curricular está sendo, paulatinamente, rejeitado, pois não corresponde aos anseios da proposta de incluir a diversidade no espaço escolar. De acordo com Stainback e Stainback (1999, p. 236) as razões pelas quais o currículo está mudando são as seguintes:

- a) reconhecimento de que numa sociedade complexa, dinâmica e, que se modifica tão rapidamente, não há mais um corpo de informações único, distinto e estático que vá resultar no sucesso dos alunos na vida adulta;
- b) a falta de adaptação à diversidade (grifo nosso), inerente às experiências passadas e à velocidade de aprendizagem, aos estilos e aos interesses de todos os alunos. Essa diversidade existe, não apenas entre os alunos que têm sido rotulados como de risco, bem dotados/talentosos, ou com retardo mental, mas, também, entre a média dos alunos;
- c) a ênfase no currículo pré-definido, mais voltada para o próprio currículo do que para o aluno;
- d) a percepção de muitos alunos de que o currículo tradicional é tedioso, desinteressante e sem propósito. Os currículos padronizados, de modo geral, não se desenvolvem a partir da vida e do mundo que cerca os alunos – nem têm nada a ver com eles;
- e) a falta de capacitação dos indivíduos diretamente envolvidos no processo de aprendizagem.(...) O conhecimento e a experiência dos professores e dos alunos envolvidos na situação de ensino com relação ao significado dos materiais e as melhores maneiras de aprender com esses materiais, são freqüentemente desconsiderados.

A reflexão sobre as falhas do currículo nos leva a crer que se faz necessário que este seja construído sob uma ótica mais holística e construtivista que possibilite contemplar todos os alunos, objetivando respeitar suas diferenças e desenvolver suas potencialidades. Stainback e Stainback (1999, p.237) ainda recomendam, acerca da elaboração do currículo, frente à diversidade no espaço escolar:

- a) o reconhecimento do aluno como o centro da aprendizagem. A perspectiva holística começa com o aluno e é construída a partir de suas potencialidades para facilitar a aprendizagem;
- b) a ênfase reduzida em remediar os déficits e as diferenças . Estes são tratados à medida que os alunos se animam com a aprendizagem e se envolvem em projetos e atividades significativas;
- c) o reconhecimento de que o conteúdo do currículo deve levar em conta a natureza dinâmica das necessidades dos alunos para serem bem-sucedidos na vida e no trabalho em uma comunidade (daí o enfoque em aprender a aprender); para a informação ser aprendida, usada e lembrada, ela deve ser significativa e fazer sentido para quem a está aprendendo (daí o enfoque em se levar em conta as experiências, o interesse e o nível de entendimento do aluno);
- d) o professor como mediador dos alunos que estão ativamente envolvidos no processo de aprendizagem de informações, em vez de transmissor de um currículo padronizado. O professor pode ensinar ou compartilhar seu conhecimento com os alunos através de mini-aulas ou de outros meios, mas seu enfoque primordial é apoiar e estimular os alunos a envolverem-se ativamente em sua própria aprendizagem;
- e) a ênfase em atividades e projetos significativos da vida real;
- f) o encorajamento de todos os alunos a ler histórias ou informações do interesse delas e em seus níveis de capacidade individual, e escrever (ou comunicar de alguma outra maneira) informações importantes para elas;
- g) o movimento contra ensinar aos alunos habilidades isoladas em ambientes isolados e a favor de sua aprendizagem, através do envolvimento em projetos e atividades significativas, da vida cotidiana, enquanto eles agem e cooperam uns com os outros.

A questão curricular e a inclusão da diversidade no espaço escolar ultrapassam a quantificação de dados, projetando o foco da aprendizagem não para a nota, como objetivo fundamental, mas sim, para as metodologias, que são os meios com os quais os alunos irão compreender, apreciar e adaptar suas capacidades ao máximo.

O currículo deve posicionar-se como um meio para que o aluno possa dar o tudo de si, contribuindo para a construção do conhecimento na escola. As diferenças presentes

neste ambiente, podem e devem ser utilizadas como estímulo e possibilidade de crescimento.

A implementação de um Projeto Político Pedagógico<sup>4</sup>, como já nos referimos no capítulo anterior, é um poderoso instrumento para que o currículo estabelecido possa receber as adaptações necessárias a fim de que atinja o objetivo da educação inclusiva. Apesar de convivermos com propostas educativas, parâmetros e grades curriculares, cabe a toda comunidade escolar, mobilizar-se, com a finalidade de discutir e transformar o currículo, em todos os seus níveis.

### **3 Considerações Finais**

Acolher as diferenças étnicas, raciais, culturais, sociais, religiosas, físicas e mentais, entre outras, é o papel fundamental do currículo. Não podemos conceber que, neste momento histórico, o currículo ocupe-se em segregar e ignorar o diferente. O paradigma inclusivo aponta claramente, esta nova visão: de que cada um pode, dentro de suas possibilidades e potencialidades, contribuir para a construção do outro.

A interação estabelecida no ambiente escolar deve ser reforçada por mecanismos que possibilitem ao professor, assumir seu papel de mediador do conhecimento. Garcia (1999, p. 6), nos diz, numa perspectiva vigotskiana, que: “...é preciso esclarecer que alguém tem dificuldades em um dado momento de sua vida, por ter se constituído desta forma, mas esta dificuldade não lhe é inerente. Assim, é possível pensar que este sujeito pode constituir-se de outras formas, a partir de outras relações”.

Um trabalho integrado da comunidade escolar pode aproximar o currículo da diversidade e transformá-lo num agente de integração e inclusão. A razão primordial da inclusão não é a de que os alunos se tornem necessariamente socializados e dominem os conteúdos de Matemática ou Língua Portuguesa, embora seja óbvio, que, em turmas onde a diversidade é acolhida, haja mais oportunidades para todos crescerem e aprenderem.

Contrariamente, a inclusão de todos os alunos ensina-nos que as pessoas são membros igualmente valorizados da sociedade. O modo previamente aceito de se lidar com as diferenças é segregação. No entanto, se queremos que as pessoas participem ativamente

---

<sup>4</sup> Barroso (2002, p. 25) fala do Projeto Educativo como possibilidade de mudança cultural, de uma cultura da homogeneidade – a uma cultura da diversidade.

da construção social, é preciso fazer o que for preciso para atender suas necessidades e desenvolver suas potencialidades.

A discussão sobre currículo, não se esgota nas considerações traçadas neste artigo. A responsabilidade de democratizar o currículo é da sociedade e, especialmente, da comunidade escolar. Há que se rever uma série de questões que estão implícitas e que necessitam da constante e dialética reflexão, para que se possa obter um instrumento curricular que dê conta da diversidade.

A mobilização dos agentes educacionais, a discussão e a formulação de um Projeto Político Pedagógico é imprescindível para aproximarmos o currículo das necessidades presentes na escola. É, no atual momento, a única possibilidade que contamos para efetivar as adaptações curriculares, de acordo com o diagnóstico de cada situação. Possibilitar a todos o acesso a um processo de aprendizagem livre dos estigmas historicamente construídos é aproximar-se da necessária igualdade de direitos e possibilidades.

### **Referências bibliográficas**

ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da Educação Básica. *Em Aberto*. Brasília, n.53, jan/mar. 1992.

BARROSO, João. Fazer da escola um projeto: políticas, gestão e práticas. In: \_\_\_\_\_. *A invenção da sala de aula: o melhor do bolando aula*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARRETEIRO, Tereza C. A doença como projeto: uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In: \_\_\_\_\_. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GARCIA, Rosalba M. C. *A Educação de sujeitos portadores de deficiência: contribuições vigotskianas*. Apostila. p. 06. Florianópolis: UDESC.

IMBERNÓN, J. ( Org. ). *A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro imediato*. 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2000.

MOREIRA, Antônio F. B. ( Org. ) *Currículo: Questões atuais*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1997.

STAINBACK, Susan; STAINBACK Willian. *Inclusão: Um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed, 1999.